

CIDADES EM TRANSE E A PLURALIDADE DO MORAR: DIFERENTES PERSPECTIVAS SOBRE A CIDADE

RAFAELA GARCIA GIMENES¹; LOUISE PRADO ALFONSO²

¹Universidade Federal de Pelotas – rafaelagimenes3@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O “Projeto de Pesquisa Margens: Grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas” realiza anualmente o evento “Cidades em Transe”, de forma a discutir diferentes formas de pensar as cidades. No ano de 2020, em sua primeira versão virtual de forma a respeitar as medidas de isolamento social, a 4ª edição do “Cidades em Transe” trouxe a temática da Pluralidade do morar. O evento procurou debater os múltiplos significados que o morar pode adquirir.

O fazer-cidade, de um posto de vista social, político e cultural, é constituído por três etapas (AGIER, 2015). Primeiramente, pelo processo de invasão (como desobediência e ilegalidade), seguido pela presença estabelecida do grupo no lugar, sendo a terceira a transformação urbana ocasionada pelo agir urbano. O conjunto destas três etapas se encontra diretamente ao direito à cidade, ao direito de permanecer ali e ao direito de ter acesso à vida urbana. Assim, o principal objetivo do evento é trazer ao debate narrativas de diversos grupos de suas vivências e formas de luta pelo direito à cidade (2015).

A organização do evento foi realizada de maneira virtual, durante as reuniões semanais dos projetos de extensão vinculados ao Projeto de Pesquisa “Margens”. Estes são: “Mapeando a Noite: o universo travesti”, “Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro em Pelotas” e o “Narrativas do Passo dos Negros: um exercício de etnografia coletiva para antropólogos/as em formação”. Também com a participação de parceiros do evento, sendo estes de diversas áreas como a arquitetura, a arqueologia, a geografia, o turismo, entre outras. Também fizeram parte da organização, parceiros não acadêmicos como a Associação Mãe Peregrina de São Paulo. Sempre consideramos a importância da multidisciplinaridade e da pluralidade de olhares nos debates de nossos eventos. Ressaltamos também a aproximação entre o ensino, a pesquisa e a extensão que buscamos alcançar em nossas atividades, considerando a tríade formadora do ensino universitário.

2. METODOLOGIA

Um dos autores que embasam as nossas pesquisas e que nos ajudam a pensar as temáticas e a organização do evento é José Guilherme Cantor Magnani. A partir do seu trabalho buscamos identificar a consistência das relações dos atores sociais na cidade, pelo olhar “de dentro e de perto” (MAGNANI, 2018). Ou seja, quando observamos determinado grupo em suas práticas cotidianas, como seu caminho para o trabalho ou suas formas de viver, notamos regularidades, mas também desobediências, clivagens, estratégias. Sendo estes elementos interessantes para pesquisarmos nas cidades. O “Cidades em Transe” nos permite esse olhar de perto e de dentro.

O evento ocorreu em formato de *lives*, salas de *web* conferência e vídeos divulgados em redes sociais (*Facebook*, *Instagram* e *Youtube*). As equipes dos projetos pensaram mesas e atividades que contemplassem a temática geral do evento, mas com pautas correspondentes de cada grupo interlocutor ou vinculadas

aos projetos de pesquisa de estudantes da equipe. Os parceiros também propuseram atividades, sendo eles: o Núcleo de Estudos de Arquitetura Brasileira (NEAB) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel, o Liber Studium - Laboratório de Arqueologia do Capitalismo do Instituto de Ciências Humanas e da Informação da FURG, Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais (LEUR) do Instituto de Ciências Humanas da UFPel, a Bibliotheca Pública Pelotense e a Associação Mãe Peregrina (AMAP). Representantes de cada organização compareceram às reuniões de modo que o evento fosse construído em conjunto, de forma multidisciplinar e atendendo as demandas diversas de interlocutores/as.

A equipe foi dividida em comissões, como comissão científica, produção técnica, identidade visual, edição de vídeos, secretaria e comunicação do evento. Dessa forma todo o grupo aprende como organizar um evento, fazer toda a articulação com palestrantes, cuidar da documentação necessária, entre outros.

Todas as informações do evento foram reunidas em um site, desenvolvido na plataforma *Wix*. Logo quando o site é acessado, temos a aba “Sobre”. Nela, inserimos de forma breve os objetivos do evento e algumas informações importantes, como sua data, as modalidades (*lives*, *podcasts*, exposição de vídeos e filmes etnográficos), as formas de participação (ouvinte ou expositor de poster) e também anexamos a circular do evento e uma opção para conhecer as outras ações do projeto. Em outra aba é apresentada a exposição “Patrimônios Invisibilizados: Para Além dos Casarões, Quindins e Charqueadas”, organizada pelo projeto de pesquisa Margens no ano de 2020.

Na aba seguinte, em “Programação”, foram colocados avisos importantes e chamativos como que todas as mesas seriam transmitidas em nosso canal no *Youtube*, e junto deste, um link que direcionava ao nosso canal. E o mais importante, a tabela de programação com títulos e horários de cada mesa. Abaixo dela, a pessoa visitante encontra o cronograma completo, com título, dia, horário, convidades e uma breve descrição de cada mesa. Para se inscrever no evento, reservamos uma aba especialmente para o formulário de inscrição, intitulada “Inscrições”. Além de informações como a gratuidade do evento, que para contabilizar as horas participantes deveriam preencher as fichas de presenças disponibilizadas logo após as atividades e as modalidades de participação, que eram ouvinte e/ou expositor de pôster. Mas, caso a pessoa optasse por responder o formulário de presença em outro momento, criamos a aba “Fichas de presença”, onde além da ficha das mesas, também estava a ficha do “Corujão”. a mostra de filmes e vídeos etnográficos. Para evitar fraudes, nestes formulários de presença colocamos perguntas estratégicas, como descrever a atividade e deixe sua opinião.

O “Corujão” é o espaço dedicado à mostra de filmes e vídeos etnográficos do evento. Embora a ideia fosse ser de fato um “Corujão”, participantes poderiam assistir e assinar a ficha de presença a qualquer momento do dia. Colocamos a ficha nesta aba, pois sem preenche-la, não seria possível a contabilização das horas. Além dos links para assistir as obras, este espaço também contém suas respectivas fichas técnicas. A aba “Pôsteres” apresenta os pôsteres que foram submetidos ao nosso evento. Na última parte do site, em “Organização”, apresentamos a equipe que organizou o evento, dividida em organização geral, comissão científica e um contato para que participantes deixassem recados para a organização.

Devido ao grande número de mesas, optamos por construir um canal no *Youtube* apenas para o evento, intitulado “Cidades em Transe”. Então, foi montada uma comissão técnica para planejar como transmitir de outras plataformas para esse canal, resolver possíveis problemas técnicos e se necessário projetar os slides de

participantes da atividade. Para firmar as parcerias, mandamos para representantes de cada organização uma carta convite, onde explicamos a proposta do evento. Após o aceite, esses grupos participaram ativamente das reuniões dos projetos, desde a construção das temáticas das mesas até fomentando o debate em sua realização.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O evento contou com debates sobre o habitar, o acesso às cidades devido ao seu alto custo de vida, o morar em espaços desiguais, a distinção entre o morar em regiões nobres e a periferia. Também, sobre a relação entre a cidade e o campo, o morar a partir das perspectivas da fronteira, com perspectivas de Brasil e Uruguai. A vivência das pessoas que cresceram dentro dos Terreiros, apresentou reflexões sobre como é pesquisar as Religiões de Matrizes Africanas, em suas peculiaridades, aproximações e afastamentos. Ademais, sobre regularização fundiária, políticas públicas e urbanísticas, as moradias nas periferias e reforçando mais uma vez, o direito à cidade dos diferentes grupos. Abordamos também o morar para as mães, principalmente no momento de isolamento por conta da covid-19. Vivências e pesquisas sobre às populações em situação de rua, o direito à cidade das populações LGBTQIA+, mulheres, o morar a partir de moradores da Associação de Mãe Peregrina, uma organização social sem fins lucrativos que apoia moradores/as de rua, república para jovens, crianças vítimas de violência, ações em comunidades e crianças acolhidas institucionalmente. O morar fora de norma, onde um dos relatos foi sobre uma moradora de uma casa de lata.

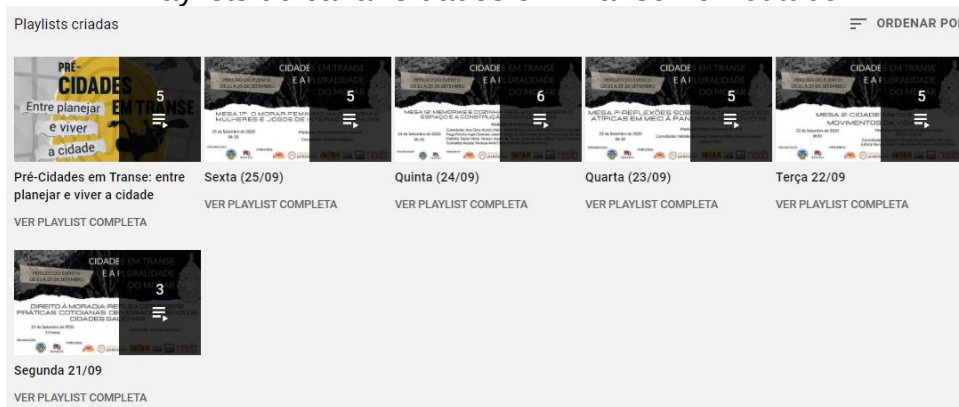
As vivências das residências estudantis, a relação entre moradia e turismo, as formas de habitar dos moradores de uma leitaria localizada na região do Passo dos Negros, em Pelotas/RS. O viver, ou sobreviver, na cidade a partir das populações de Religiões de Matrizes Africanas e ressaltando nossa pluralidade e a diversidade que o morar pode ter, apresentamos o morar após a morte. Ou seja, a relação da necrópole (cemitério) com a cidade. Consideramos que os debates foram diversos e evidenciaram a pluralidade de grupos que habitam as cidades.

Assim, mesmo em um contexto tão controverso, o projeto de pesquisa conseguiu manter o vínculo entre a comunidade não acadêmica e a universidade, mesmo que de forma digital. Isso exigiu que a equipe organizadora do evento explorasse e se adequasse às plataformas digitais, desde criação de sites, transmissão para o *Youtube*, até criatividade para elaborar conteúdo de divulgação do evento nas redes sociais do GEEUR (*Facebook* e *Instagram*). Essa experiência foi fundamental para a equipe descobrir novas formas de enfrentar os obstáculos em nosso contexto, que aparecem nos campos acadêmicos e profissionais, e continuar exercendo suas atividades de pesquisa e extensão com maestria. Esse formato foi usado novamente nos eventos seguintes do projeto, de forma que a cada nova atividade aprimoramos as técnicas de fazer pesquisa de forma virtual.

Esse novo formato também permitiu a troca de experiências de pessoas de diversas localidades, inclusive de fora do país. Além de ampliar nosso público, já que esta edição contou com 248 inscrições e 591 presenças registradas nas 21 mesas. 48 pessoas contribuíram e acompanharam os filmes e vídeos etnográficos presentes em nosso Corujão. Com esses números, entendemos que conseguimos manter o evento na modalidade virtual, com participantes de diversas partes do Brasil e do mundo. Visualizando o retorno das atividades presenciais, o grupo debate sobre realizar futuras atividades de modo híbrido, para mantermos esse alcance e a diversidade de vivências.

As atividades ao vivo foram realizadas a partir das plataformas *Streaming*, *Jitsi Meet* e *Streamyard*, e transmitidas ao canal no *Youtube* feito especialmente para o evento. A diversidade de plataformas se deu por conta de problemas técnicos durante as mesas. Foram criadas playlists separando as mesas por dia, de modo a facilitar a procura por uma atividade em específico. Até o dia 31/07/2021, o canal Cidades em Transe contou com 230 inscritos, e todas as mesas totalizaram 4.365 visualizações.

Playlists do canal Cidades em Transe no Youtube



4. CONCLUSÕES

Como pesquisadora em Iniciação Científica, ter participado da organização do evento me fez ter um novo olhar sobre como fazer ciência. Não é apenas em um laboratório fazendo levantamento de dados, mas participando dos debates junto às comunidades e com outros cursos da própria academia e pessoas e instituições de fora dela. Os dados que levantamos a partir dessas trocas são fundamentais para o entendimento da temática, as múltiplas formas de morar. A partir das atividades foram evidenciadas problemáticas como a falta de habitação adequada para determinados grupos nas cidades, mostramos a luta pelo direito à cidade das periferias, das populações de religiões de Matrizes Africanas, à população LGBTQIA+, à população de rua, entre outros recortes que geralmente são invisibilizados e que são de extrema importância para as reflexões das ciências humanas. O evento de 2020 inspirou o deste ano, 2021, intitulado “Cidades em Transe: Patrimônios, Conflitos e Contranarrativas urbanas”. O objetivo principal desta edição foi desconstruir o conceito de patrimônio, de modo que vamos trazer ao debate patrimônios de grupos invisibilizados. Deixamos como perguntas motivadoras: um monumento representa que grupo? Qual narrativa? Aquilo é considerado patrimônio foi selecionado por quem? O evento ocorreu entre 16 a 20 de agosto de 2021, se somando às comemorações do Dia do Patrimônio que é comemorado na cidade de Pelotas/RS.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, MICHAEL. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O Antropólogo, a margem e o centro. SCIELO, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/wJfG33S5nmwwjb344NF3s8s/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em: 07/08/2021.

MAGNANI, JOSÉ GUILHERME CANTOR. **Patrimônio Cultural Urbano, 'de perto e de dentro': uma aproximação etnográfica**. REVISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, v. 37, p. 307-329, 2018. Disponível em: https://nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/revista_patrimonio37.pdf. Acessado em 07/08/2021

Relatório Pré-Cidades em Transe: Entre planejar e viver a cidade (2021). No prelo.